

ATUAÇÃO FEMININA EM TERRITÓRIOS DE PESCA: UMA CARTOGRAFIA DO SABER-FAZER NO BAIXO TOCANTINS, NORDESTE PARAENSE



FEMALE PERFORMANCE IN FISHING TERRITORIES: A CARTOGRAPHY OF KNOW- HOW IN BAIXO TOCANTINS, NORTHEAST OF PARÁ

ELIZAYNE YZA XAVIER FARIAS¹⁰

ELIANA TELES RODRIGUES¹¹

Resumo

O artigo busca compreender de que forma o processo de cartografia social pode ser utilizado no contexto de narrativas dos territórios de pesca, em especial, nas relações que envolvem a atuação feminina como agentes de transformações dentro de comunidades pesqueiras. Para cumprir com os objetivos deste trabalho, aprofunda-se o marco teórico do estudo, o modo de vida e atuação de um coletivo feminino autodeclarado como Concheiras, mulheres que praticam a atividade de coleta de conchas de moluscos em regiões praianas no entorno da comunidade Palmar, região insular do município de Abaetetuba, nordeste paraense. O uso da cartografia social para a compreensão mais aprofundada dessas relações, partindo de uma perspectiva do sujeito da pesquisa, é um dos aspectos mais relevantes dentro da cartografia social. Quando usamos o termo cartografia social, temos que entender que a sua principal finalidade é dar a visibilidade aos indivíduos dentro de seu espaço de direito. Partindo de uma pesquisa de cunho etnográfico, o artigo traz uma abordagem a respeito da realidade social das mulheres que realizam a coleta de moluscos dentro da comunidade Palmar, enfatizando suas relações e suas articulações para a manutenção do território. Deste modo, a visibilidade das práticas exercidas por essas mulheres permite, ainda que inicialmente, entender as ações a afirmações de cidadania.

Palavras-chave: Cartografia social; comunidades tradicionais; mulheres.

Abstract

The aim of this article is to understand in what ways the process of social cartography can be used in the context of the narratives of fishing territories, especially in relationships involving the role of women as agents of transformation within these communities. To fulfill the objectives of this work, the theoretical framework of the study is deepened, the daily life of the group of Concheiras, women who collect mollusk shells in beach regions around the fishing community of Palmar, located in the insular region of the municipality of Abaetetuba, northeast paraense. The use of social cartography for a deeper understanding of these relationships, from the perspective of the research subject, is one of the most relevant aspects within social cartography. When we use the term social cartography, we have to understand that its main purpose is to give visibility to individuals within their legal space. Starting from an ethnographic research, the article brings an approach to the social reality of women who collect

¹⁰ Graduada em Ciências Naturais-Biologia pela Universidade do Estado do Pará. Mestranda em Territórios e Identidades na Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: yzaxavierfarias@gmail.com.

¹¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará-UFPA. É Professora Adjunto da Universidade Federal do Pará, campus Abaetetuba e docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades-PPGCITI/UFPA. E-mail: elianteles@yahoo.com.br.



molluscs within the Palmar community, emphasizing their relationships and their articulations for the maintenance of the territory. In this way, the visibility of the practices carried out by these women allows us to initially understand the actions and affirmations of citizenship.

Keywords: Social cartography; traditional communities; women.

Introdução

O mapeamento ou processo cartográfico vai muito além daquilo que geralmente conhecemos, não se resume apenas ao processo de levantamento de dados geográficos ou delimitações socioespaciais, representa também a compreensão a respeito do espaço, levando a uma análise sobre a realidade de um povo, de um local, ou do meio por ele representado. As relações entre Estado e a construção de mapas, em sua grande maioria, estiveram atreladas ao discurso político de poder e dominação.

Assim, a cartografia social rompe com o monopólio político dos mapas e viabiliza às minorias uma ferramenta na luta pela preservação e manutenção dos seus territórios. A partir dos anos 90, quando ela começa a ganhar força, as populações, principalmente aquelas que vivem sob ameaça dos grandes projetos, ganham uma importante aliada na ferrenha luta contra esses empreendimentos.

Desde as primeiras constituições cartográficas, os mapas seguiam uma vertente voltada para o avanço das grandes potências sobre novos territórios de conquista. De acordo com Lynch (1996), outra vertente de produção da cartografia é a territorialização ou a delimitação do traçado do Estado e suas delimitações e definições. Turnbull (2015), fazendo uma crítica sobre o modo de se fazer cartografia, em especial a cartografia contemporânea ocidental, ressalta que os mapas são seletivos por natureza, conferindo a eles caráter arbitrário, quando omitem termos e símbolos em detrimento de um objetivo maior, o caráter dominante. Essa omissão descrita por Turnbull (2015) é o que faz os mapas se tornarem homogêneos, uma vez que é feito por moldes positivistas preestabelecidos.

Michel de Certeau (1995) entende os mapas como dispositivos totalizadores por meio da cientificidade, uma vez que, produz uma roupagem formal, planificando espaços até então heterogêneos. Vale ressaltar que território não é sinônimo de espaço, é preciso primeiramente entender que o espaço está em posição que antecede o território, logo, este é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação conduzida. Os mapas quando produzidos seguindo os moldes convencionais não conseguem alcançar completamente aquilo que lhe é de fato pertinente, dessa forma, a cartografia



social surge com a preocupação de demonstrar a construção de um conhecimento correspondente à multiplicidade de agentes sociais em um determinado espaço.

Turnbull (2015) reitera que apesar de todos os aspectos negativos a respeito das problemáticas envolvendo a cartografia convencional, possíveis potenciais de resistências podem surgir a partir da construção dos limites colocados pela cartografia convencional. Acselrad (2008) complementa ao fazer um apanhado geral sobre a utilização da cartografia como ferramenta de dominação:

Historicamente, portanto os mapas serviram como instrumentos do império para despossuir as populações rurais de suas terras. Os primeiros mapas de origem estatal tinham a ver com a identificação de rotas, a penetração e a colocação de marcos de existências de riquezas. Outros tipos de mapas serviram para delimitar as fronteiras dos Estados e, dentro delas, os limites das propriedades. Alguns mapeamentos serviram à criação de jurisdições administrativas para facilitar o controle estatal sobre o território nacional. Finalmente, um tipo de mapa, o zoneamento, pretendeu prescrever utilizações para o território (ACSELRAD, 2008, p. 10).

Ao longo dos anos, diversas correntes foram sendo constituídas, a fim de romper com o eurocentrismo dominante nesta área de conhecimento (HARLEY, 2009; BLACK, 2005; ACSELRAD, 2008; ALMEIDA, 2013). Essa ruptura trouxe uma perspectiva totalmente oposta ao modelo de fazer cartografia que era dominante desde o período colonial. De tal modo, ao invés de caminhar na mesma direção dos processos de expansão, esse novo modelo de cartografia surgia como mecanismo de auxílio para comunidades na manutenção de suas identidades culturais.

Mediante os aspectos apresentados, o objetivo do artigo é compreender de que forma a cartografia social contribui para a compreensão dos processos de construção e afirmação da identidade das mulheres coletoras de moluscos na comunidade Palmar. O uso da cartografia social é justificado neste artigo, como ferramenta para a legitimação do espaço das comunidades, permitindo autonomia ao descreverem seu território partindo de suas próprias concepções, vivências e experiências, para então demonstrar através dessa ferramenta, não o espaço em si, mas também suas histórias.

A Cartografia Social como ferramenta de pesquisa

A cartografia social, surgindo na contramão da cartografia convencional do Estado, vem trazer uma perspectiva de representação do território a partir da incorporação das diferentes vertentes, dos conflitos e da historicidade dos processos sociais. Nela, a delimitação do espaço não se resume apenas a uma representação





cartográfica, mas enfatiza na compreensão dos processos, das lutas, dos símbolos e das manifestações existentes nos territórios cartografados.

Segundo Offen (2004), os mapas novos constituem e afirmam novas territorialidades. Com a introdução dessa nova concepção de cartografia, surge também uma análise crítica das práticas de cartografar, e essa cartografia crítica que vem para romper com aquele modelo estável e desigual começa a abrir novos horizontes, cria debates, rompendo com os domínios técnicos e formais.

Quando determinada comunidade elabora sua cartografia, ela não está apenas retratando um território ou o espaço físico, mas está afirmando seu modo de vida, que lhe confere reconhecimento e pertencimento:

A história dos mapas, como a de outros símbolos culturais, pode ser interpretada como uma forma de discurso: deve-se encarar os mapas como sistemas de signos incomparáveis, nos quais os códigos podem ser ao mesmo tempo imaginéticos, linguísticos, numéricos e temporais, e como uma forma de saber especial (HARLEY, 2009).

A cartografia social é uma ferramenta compreendida como instrumento de transformação social, que consegue dar vez e voz aos grupos mais vulneráveis. Ao ter em mente os inúmeros benefícios que dela possam surgir, os anseios e objetivos vão sendo delineados e conseguem trazer visibilidade ao grupo ali representado. Com a crescente investida do capital na região amazônica, por volta dos anos de 1970, surgem as ameaças às terras que de fato e de direito são de propriedade dos povos que fazem uso delas há gerações, para isso, o uso das novas práticas cartográficas cooperam para a autoafirmação e reconhecimento dos direitos ao território.

A noção central é a territorialidade específica referida às

delimitações físicas de determinadas unidades sociais que compõem os meandros de territórios etnicamente configurados que funciona como fator de identificação, defesa e força, mesmo em se tratando de apropriações temporárias dos recursos naturais (ALMEIDA, 2013, p. 29).

Ao analisarmos a evolução da cartografia social, partindo da memória e das narrativas das comunidades, percebemos que a grande questão se relaciona à constante ameaça dos seus modos de vida, seus recursos e principalmente as ameaças ao território. De acordo com Acselrad (2010), esses embates, embora relacionados aos aspectos simbólicos, materiais e culturais, não apontam para arranjos consensuais. A cartografia social, além das abordagens acima mencionadas, destaca também a compreensão espacial, uma vez que com a participação dos agentes sociais, como o próprio termo



sugere, consegue ser precisa e redefinir os elementos que compõem o processo de cartografar.

A cartografia social apresenta novos elementos que reforçam suas reivindicações, uma vez que ela confronta a cartografia tradicional tecnicista, possibilitando a interação entre o pesquisador e os agentes envolvidos, possibilitando a identificação de interesse e territorialidades dos grupos sociais. Essa cartografia possibilita enxergar as particularidades de cada grupo, quebrando com a ideia de homogeneidade dos grupos, resultante das cartografias convencionais.

Com o amadurecimento das iniciativas e proposições sobre esse modelo de cartografia, abrem-se novos caminhos para a consolidação da “nova cartografia social”. O processo da nova cartografia social reitera as práticas da cartografia social, no qual a participação e as reivindicações partem do coletivo, distanciando-se da convencional.

A chamada nova cartografia de forma alguma pode ser imposta, e seu discurso precisa partir dos sujeitos da pesquisa. Almeida (2013) ressalta que a nova cartografia não pode ser entendida como a descrição de cartas ou traçados de mapas:

A proposição de uma “nova cartografia social” enquanto orientadora de práticas de pesquisa, distingue-se do sentido corrente do vocábulo “Cartografia” e não pode ser entendida como circunscrevendo-se uma descrição de cartas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais com vista à defesa ou à apropriação de um território. Ao contrário de qualquer significação única, dicionarizada e fechada a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas “experimentações” fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas (ALMEIDA, 2013).

Mapa é imagem. Seja ele tangível, virtual ou mental, evoca, sempre, a imagem de um território (GIRARDI, 2016). A cartografia, enquanto um retrato dessa imagem, busca registrar por meio das representações o território de agentes sociais que buscam afirmar, identificar suas territorialidades ou as diferentes conformações que expressam sua identidade.

Os mapas constituem um recurso de método para registro da diversidade das situações sociais, mostram situações contingentes, concretas e reveladoras de um determinado momento, passível de alteração, contudo, plenamente possíveis de espacialização, e chamam atenção para um processo de afirmação étnica e identitária, a partir de “realidades localizadas e processos sociais” (ALMEIDA, 2008, p. 101).

Da cartografia social resultam produtos com os quais os agentes sociais ou os cartografados e cartografadas podem ter acesso a direitos que dizem respeito a sua territorialidade. Nesse sentido, pode-se dizer que as oficinas se tornam autocartografia e se configuram como parte fundamental nos estudos a respeito dos povos tradicionais,



uma vez que se consegue, a partir dos croquis que são produzidos dentro das oficinas, ter a dimensão do território do ponto de vista dos sujeitos que dele são parte integrante.

Turnbull (2015), ao falar sobre o fazer cartográfico, em especial, a cartografia contemporânea ocidental, enfatiza que geralmente os mapas convencionais tendem a ser seletivos por natureza e contraditórios ao ocultar partes essenciais. Nesse mesmo sentido, Certeau (1984) coloca os mapas como dispositivos totalizadores, uma vez que homogeneiza territórios e planifica espaços.

A crítica feita por Turnbull (2015) seria quanto à negação sobre ao processo de produção do mapa feito por quem de fato detém o conhecimento sobre seu espaço. Logo, se o mapa não seguir critérios científicos, estaria fora dos padrões exigidos. No entanto, quando os mapas são convencionais eles tendem a não alcançar aquilo que, na sua totalidade, deveriam, esse é um ponto importante a ser debatido quando falamos a respeito de comunidades cartografadas, é necessário entender suas verdadeiras reivindicações, e estas precisam estar destacadas dentro da cartografia.

Segundo Girardi (2016), a territorialidade é constituída por indivíduos e os seus modos de apropriação da natureza e sua organização, no entanto, tornam-se total ou parcialmente ocultados nos mapas topográficos. Nesse sentido, a nova cartografia social é um importante instrumento que pode servir com ferramenta capaz de visibilizar direitos para povos e comunidades tradicionais.

Na região amazônica, a pluralidade de grupos sociais constroem relações específicas no território, sendo impossível falar sobre uma cartografia única para falar desses povos. Nesse sentido, a cartografia social vem a ser uma ferramenta que as comunidades utilizam nas lutas pela defesa do seu território. Logo, não será o pesquisador/a quem irá definir o que estará presente no mapa, mas os sujeitos que vivem e atuam no território irão definir o que é importante ser representado no mapa.

Assim, os elementos vão surgindo no croqui a cada traçado do lápis, do desenho e do colorido que expressam os lugares e suas identidades. Já para mapear os locais se faz necessário o uso de GPS que faz as demarcações dos pontos especificados no desenho. Foi com base nessas premissas que realizamos a oficina no dia 01 de outubro 2021, que contou com a presença do grupo de mulheres que atuam na coleta de conchas e de seus familiares.

Antes da produção do mapa foi feito um momento de apresentação das propostas da oficina. No início da oficina, foi realizada uma roda de conversa em que foram feitas perguntas referentes ao dia a dia dentro da comunidade Palmar, em especial, a atividade



de coleta de conchas. A entrevista parcialmente estruturada foi precedida com autorização prévia e gravada com auxílio de equipamentos (gravador, câmera fotográfica e celular). Aqui é importante traduzir e compreender como se dá a coleta de conchas, mas acima de tudo, entender o significado por trás de uma atividade que se estende há dentro dessa região que sofre interferências diretas do capital.

Mapa de possibilidades: o saber-fazer de mulheres em territórios de pesca

As conchas ficam enterradas em várias partes da praia, tem a concha miúda que fica no seco, e tem a concha preta que fica pro fundo, a concha preta é mais grande e também é mais difícil de pegar.

Tem uma parte que é muito no fundo, que precisa amarrar a corda pra poder mergulhar, a gente amarra na cintura, às vezes leva presa no dente, na mão, a corda, porque às vezes é duas ou três braças de fundura, às vezes até cinco braças de fundura, por isso é preciso amarrar a corda ou prender para a correnteza não levar (A. P, 2021).

A pesquisa vem sendo desenvolvida em uma região estuarina, localizada próximo à baía do Marapatá, e é nessa região, que evidenciamos o território para a realização da cartografia com o coletivo de mulheres que fazem desse local seu território de atuação, através da coleta de conchas de moluscos. A partir da fala que abre este tópico, buscamos evidenciar como a técnica se desenvolve em um ambiente que está em constante transformação. Para isso, é imprescindível aguçar a escuta, atentar-se a detalhes, e cuidar para que o formalismo acadêmico não esconda os aspectos importantes que devem ser evidenciados.

No desenvolvimento desse artigo, compreender a relação entre o saber/fazer e o conhecimento relacionado a esse tipo de pesca, constituiu uma possibilidade de resgate de um conhecimento que é construído e moldado conforme o seu desenvolvimento. Essa gama de conhecimentos também vai sendo consolidada, construindo uma identidade, assim como esse mesmo conhecimento ultrapassa as dificuldades concernentes à prática e as torna detentoras de um saber que lhes confere a identidade.

A oficina de autocartografia foi realizada no mês de setembro de 2021. Antes da confecção do croqui, foram devidamente explicados os objetivos e a importância da cartografia para as comunidades. É importante ressaltar que o mapa é uma representação da comunidade, mas não apenas uma representação espacial ou geográfica, mas, sim, que ele venha representar o modo de vida, as técnicas, os costumes: quanto mais elementos puderem ser apresentados dentro de uma cartografia, mais ela se torna eficiente em seu objetivo.



Para a realização de uma oficina é necessário, primeiramente, explicar as motivações que levam à construção de uma cartografia, nesse sentido, quanto mais a comunidade estiver envolvida, mais elementos serão inseridos à cartografia. Ressalto aqui a participação do esposo de uma das mulheres desta pesquisa, que também atuou durante muitos anos na coleta de conchas e pôde retratar como a atividade era desenvolvida e as mudanças ocorridas ao longo dos anos.

Figura 1 - Representação da área de pesca e coleta de conchas



Fonte: Croqui elaborado pelas concheiras, durante oficina de autocartografia em setembro de 2021.

Legenda

- 1 – Rio Maracapucu
- 2 – Bote pesqueiro
- 3 – Pesca de arrastão
- 4 – Igarapé Alcântara
- 5 – Baía do Marapatá
- 6 – “Região do Baixo”
- 7 – Praia da “boca do rio”
- 8 – Coleta das conchas no “seco”

A legenda da cartografia acima representada foi feita pelas concheiras e cada elemento contido nela representa uma categoria que caracteriza a coleta de conchas. Na



legenda, além dos elementos habituais que compõem um mapa, também foram inseridos elementos que representam uma abordagem êmica.

De acordo com Campos (2002) apud Moura (2009), a palavra êmica é derivada de fonêmico (entonação) que, remonta a uma cultura ou uso de termos próprios. Os elementos representados na figura 1 foram devidamente enumerados e legendados, facilitando a descrição conforme as informações obtidas durante a roda de conversa que antecedeu a oficina.

O bote pescueiro (2), representa mais do que um meio de transporte, ele faz parte da história e constituição da pesca no rio Maracapucu e rios circunvizinhos. É o principal meio de transporte utilizado para a prática da pesca artesanal feita na região. São embarcações motorizadas, de pequeno porte, feitas com as especificações adequadas para esse tipo de pesca.

A praia da “boca do rio” (7) é uma extensão de areia e lama que fica na saída do rio Maracapucu. Essa área fica submersa durante a maré cheia e parcialmente descoberta com a maré baixa. É nessa área extensa que se encontram os moluscos, e no croqui as mulheres buscaram evidenciar a prática de coleta das conchas. Através dos desenhos é possível identificar algumas etapas da coleta: é perceptível que na saída do igarapé Alcântara (4) um bote vai levando de reboque dois cascos – esses cascos são o meio de transporte mais comum usado nessa atividade.

Os botes são embarcações maiores e não alcançam a parte mais seca da praia, por isso o casco é o meio mais fácil de acessar os locais mais secos. O casco também precisa ficar próximo a elas, uma vez que após os paneiros encherem, as conchas precisam ser colocadas no casco. Outra etapa da coleta é a etapa feita na “região do baixo”, onde a concheira fica com parte do corpo submerso para poder localizar o molusco. O baixo é onde as conchas menores estão localizadas, e é onde a maioria das mulheres costumam coletar, por ser uma área mais segura para a prática. A coleta de conchas no “seco” é feita na parte mais alta da praia, que fica completamente descoberta durante a maré seca. É uma área segura para a prática, porém o tamanho das conchas encontradas no “seco” é muito pequeno, com uma fina casca. Também nesse perímetro podem ser encontrados outros moluscos menores como o caramujo.

Imagem 1 - As concheiras durante oficina de auto cartografia.



Fonte: Eliana Teles, setembro de 2021.

Aqui a comunidade pesqueira do Palmar se constitui como o território que facilita a prática associada à técnica, que também se constitui como técnica de subsistência, no qual este coletivo que compõe a pesquisa expressa um universo de saberes associados ao conhecimento de um *habitat* com características específicas.

Ao relatarem a técnica, as concheiras evidenciam aspectos singulares e segredos que são parte integrante do estuário na qual desempenham seu papel na coleta de conchas:

Aquelas que têm o fôlego mais forte pra ficar mais tempo lá no fundo para procurar a concha. Primeiro mergulha aqui e vai boiar ali na frente procurando a concha no fundo, porque no fundo fica a maior concha, no seco fica as menores, no fundo já é diferente porque a pessoa tem que ir passando a mão pra achar, aí se topar o bico dela pra fora, mete a mão e pega, passa a mão, o pé leva o paneiro no fundo e vai enchendo, vem pra perto da canoa, joga no casco e volta pra fazer o mesmo processo, vai procurando, mergulha aqui, vai boiar lá na frente com o paneiro quase cheio, tanto que o folego da pessoa aguente (M. A. 2021).

As conchas pé de burro é muito miúda, é mais fácil pra pegar, só que a gente solta porque ela tem que crescer. Aqui no baixo tem muito, basta andar em cima e ir olhando, aonde ela espirrar é só meter a mão e tirar (M. L. B, 2021).

Porque pra cá muita gente não dá valor nesse serviço não gosta de fazer porque é pouco dinheiro, mas as pessoas que tiram vão porque tem que tirar da farinha, ainda mais que dá na época que não tem serviço, é aquele pouco de dinheiro, mas que já serve (M. A, 2021).

Essas narrativas mostram o conhecimento específico que as concheiras possuem em relação ao local de coleta, à natureza, aos tipos e tamanhos de moluscos, suas características e o *habitat* onde cada um está inserido. Aqui se percebe que são



utilizados mecanismos para catá-los e isso se dá por meio do domínio dessa técnica. A utilização do corpo associada à coleta também é uma forma de aprimoramento da técnica, à medida em que o elo entre essas duas vertentes cria uma forma de conhecimento que está ligada diretamente ao modo como a técnica é desenvolvida.

Pode-se considerar como território vital para execução da prática de catar moluscos a “praia da boca do rio”, onde as concheiras desempenham sua árdua tarefa, em busca do melhor local para realizá-la. É nesse mesmo território que as memórias são associadas a essa prática e o conhecimento que foi construído e reformulado ao longo dos anos se ativa, impulsionando o processo de reafirmação de tal identidade.

Para Leff, (2011) essa relação que parte da contemplação da natureza e da valorização da mulher nas práticas e no manejo dos recursos dos ecossistemas está em concordância com a racionalidade ambiental. O conhecimento que é estruturado em cada fala deixa evidente a relação existente entre os sujeitos e o meio. Dona M. A., em muitas de suas falas, deixa evidente a importância do “conhecer”:

A maré de reponta é a maré melhor pra ir pegar essas conchas, aí a gente procura o lugar melhor para fazer a tiração, porque tem lugar que dá mais as conchas, outros que dá menos, na ponta do baixo dá mais, na baixa maré da vazante é a hora melhor para pegar elas porque elas ficam mais próximas das outras, aí é mais fácil (M. C. A, 2021).

Esse estuário se constitui como um território onde a prática e a técnica se complementam como mecanismo facilitador quando associado à prática de subsistência, e tudo isso é levado em consideração ao analisar todo o processo e a relação entre os saberes e conhecimentos em busca de legitimidade. O trabalho de coleta de conchas dentro da comunidade do Palmar se constitui como uma atividade que garantiu a este coletivo uma identidade. Na expressão dessas mulheres, ao narrarem suas histórias de vida dentro da atividade é perceptível o valor que ela tem para as mesmas:

A importância da concha pra mim é algo que a mulher se sente dependente dela mesmo, é um trabalho que a mulher não depende do outro pra ela sobreviver, ela vai lá, com aquele interesse de ter o que é dela, construir aquela coisa pra ela, então pra mim, eu acho assim, que quando eu tirava concha eu me sentia que eu tinha aquilo de trabalhar pra mim mesma, não depender do outro, de esperar pelo outro (A. P. A, 2021).

É um trabalho bom é divertido pra gente, a gente se diverte muito pra tirar elas, a gente vai pra baía tem aquela quantidade de gente, um atrás do outro amarrado é só uma gritaria também (M. C. A, 2021).

A identidade apresentada com entusiasmo expressa satisfação ao evidenciar não apenas um saber herdado mas, também, um saber aprimorado e remodelado, que precisou se adaptar às mudanças socioambientais decorrentes dos grandes empreendimentos alocados nessa região, como as mineradoras, a Usina Hidrelétrica de



Tucuruí, e o porto de Vila do Conde. O coletivo de mulheres que são sujeitos dessa pesquisa, ao atuarem em uma região de constantes transformações, conseguem por meio da prática da coleta de moluscos a permanência em nesse território de pesca no qual sua identidade foi constituída.

No conjunto de mulheres que atuam como coletoras de conchas de moluscos, é possível identificar concheiras, trabalhadoras rurais, extrativistas, peconheiras. Nesta pesquisa, objetivamos priorizar o dia de trabalho dessas mulheres dentro do seu ambiente de atuação. Apesar de alguns trabalhos ocuparem um tempo maior em detrimento de outro, não podemos deixar de mencionar sua organização em torno de uma atividade específica que lhes garante uma identidade coletiva, tudo isso sem deixar de mencionar seu papel de suma importância na unidade familiar.

Partindo dessa premissa, analisamos a realidade das mulheres concheiras em sua unidade familiar e social como uma fração do modelo social existente dentro de comunidades que resistem em seus modos de subsistência. Em um ambiente que vai se transformando conforme a introdução de novos empreendimentos, esse coletivo atua de modo a manter a atividade que lhes confere a identidade de Concheira.

Considerações finais

No processo cartográfico sobre o saber/fazer das mulheres coletoras de conchas de Palmar, conseguimos ter uma dimensão a respeito da importância do saber no desenvolvimento da prática de coleta de conchas de moluscos. O exposto anteriormente nos permite elucidar que não se trata apenas de uma descrição de um tipo de conhecimento, mas sim de apresentar com enfoque uma técnica que foge à ideia de homogeneização.

Para esta pesquisa, a cartografia surgiu como método para a construção e explanação dos saberes ligados à prática de coletar moluscos em um estuário, fazendo as interconexões entre o saber e o fazer com a técnica de catação. Conforme a pesquisa se delineia, a compreensão a respeito dos objetivos da pesquisa vai também ganhando novas proporções, e a utilização das metodologias, aliadas aos demais componentes, possibilita identificar a relação entre agentes sociais e o meio em que atuam.

Verifica-se também a situação específica que configura uma forma identitária que, por sua vez, se relaciona-se com o uso sustentável dos recursos naturais que, no entanto, estão à mercê dos impactos oriundos das alterações que operam em escala global, como os grandes empreendimentos que interferem diretamente no modo de vida,



na produção de alimentos, nos recursos naturais que são essenciais para a manutenção da vida nessas comunidades.

Nessas formas de produção de conhecimento, vale evidenciar a importância que o conhecimento exerce para legitimar o caráter identitário dos indivíduos que o detém, mesmo que este seja produzido fora dos moldes predominantes. Os critérios estabelecidos pelas fronteiras científicas, reduzem a ampliação e as possibilidades de entender as conexões existentes do modo de produção de conhecimentos de povos e comunidades tradicionais.

Da atuação dessas mulheres emerge uma rede de significados do Ser-Concheira, incorporando-os ao território, ao estuário, ao clima, à maré e a uma forma de relação com o território que é complexa e heterogênea, mas que interconecta formas de produção e de conhecimento. Isto nos leva a concluir que o conhecimento não pode ser atrelado a algo fixo imutável, mas se configura em uma gama de significações e conexões múltiplas que existem entre o saber e a técnica, que no caso em estudo remete a liberdade de ser e viver.

Data de Submissão: 07/09/2022

Data de Aceite: 26/10/2022

Referências

ACSELRAD, Henri, Coli; Luís Régis. Disputas territoriais e disputas cartográficas. *In:* Acelrad, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro. IPPUR. UFRJ. 2008. p. 13-41.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas - 1º vol.** Manaus: Programa de Pós-graduação da Universidade do Amazonas-UEA; Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia; Fundação Ford; Fundação Universidade do Amazonas, 2008. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/ConhecimentoTradicionalebiodiversidade.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras”. *In:* ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida (org.). **Povos e Comunidades Tradicionais: nova cartografia social**. Catalogo. Livros, Fascículo. Manaus: PNCSA/EUA, 2013.

BLACK, Jeremy. **Mapas e História: construindo imagens do passado**. Trad. Cleide Rapuci. Bauru, SP: Edusc, 2005.



CAMPOS, M. D. **Etnociências ou etnografia de saberes, técnicas e práticas.** Seminário de etnobiologia do sudeste. Rio Claro. 2001. Métodos de coleta de análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: anais. Rio Claro: editora da Unesp. 2002. p. 47.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no plural.** São Paulo: Papyrus, 1995.

GIRARD, Gisely. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 147–157, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643394>. Acesso em: 6 dez. 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 [2004].

HARLEY, J. Brian. A nova história da cartografia. **O Correio da Unesco**, São Paulo, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder:** tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth, 8 Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LYNCH, Barbara Deutsch. **Marking Territory and Mapping Development.** 6th Annual Conference of the International Association for the Study of Common Property. Berkeley, CA. June 5-8, 1996.

OFFEN, Karl. **O mapeas o te mapean:** mapeo indígena y negro en América Latina. Cátedra Fullbright, Universidad del Norte, 10 y 11 de agosto de 2004, Barranquilla, y II Ciclo Anual de Conferencias de Geografía 'Región, Espacio y Territorio,' Universidad Nacional, Bogotá, 28 y 29 de octubre de 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.25058/20112742.358>. Acesso em: 16 nov. 2022.

TURNBULL, David. Masons, Tricksters and Cartographers. *In:* ACSELRAD, Henri; GUEDES, André Dumas; MAIA Laís Jabace (org.). **Cartografias sociais, lutas por terra e lutas por território.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2015.